

Marília Ascenso nasceu em 1950, na Marinha Grande. Na adolescência e juventude fez teatro amador. Entre 1989 e 1992, deu os primeiros passos na pintura na ARCA, Escola de Tecnologias Artísticas de Coimbra. Começou a dar aulas de técnicas de pintura em 1993. Tem, desde essa altura, produzido múltiplas obras de óleo sobre tela e participado em diversas exposições de pintura. Paralelamente, tem desenvolvido nos últimos anos actividade de animação social. Em 2006 publicou o seu primeiro livro para a infância *Insectos em Missão Especial*. Em parceria com Fedra Santos, ilustrou *A Menina dos Cinco Olhos*, de Wu Trábulo e *Quem Tem Boca Vai a Roma*, de Ana Oom.

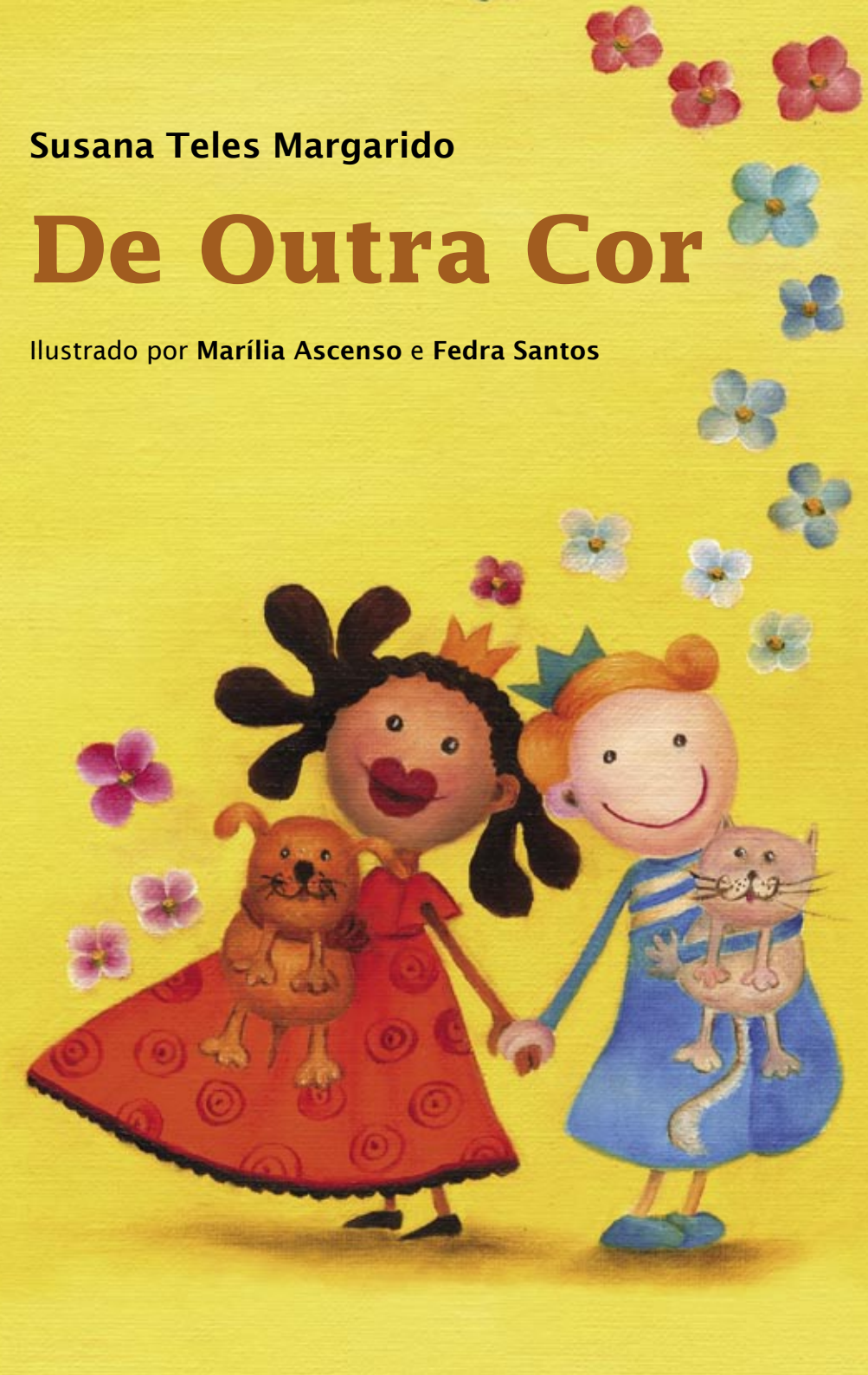
Fedra Santos nasceu em Freamunde, em 1979. É licenciada em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. Em 2003, e em parceria com Abigail Ascenso, criou o atelier de design Furtacores, que se dedica ao design gráfico, fotografia e publicidade e, em particular, à ilustração. Entre os livros que ilustrou encontram-se: *O Livrinho das Lengalengas*, de José Viale Moutinho; *O Rapaz de Bronze*, de Sophia de Mello Breyner Andresen e *Sapinho e Sapão*, de Nicolás Guillen.

Duas crianças, de cores diferentes, decidem ultrapassar barreiras e ser amigas. Conseguirão elas demonstrar aos adultos que a diferença não deve ser obstáculo à união e à amizade?

Susana Teles Margarido

De Outra Cor

Ilustrado por **Marília Ascenso** e **Fedra Santos**



Susana Teles Margarido nasceu em Ponta Delgada, São Miguel – Açores.

É licenciada em Sociologia pela Universidade dos Açores, pós-graduada em Protecção de Menores pela Faculdade de Direito de Coimbra, pós-graduada em Língua e Literatura Portuguesas e mestre em Literatura Infanto-Juvenil pela Universidade dos Açores. Já escreveu diversos livros infantis, entre os quais *Os Sonhos de Inês*, *Luna e as Ilhas Fantásticas dos Açores*, *O Menino Perdido* e *Minha Querida Avó* e um ensaio (*O discurso de Género nos Manuais Escolares do 1.º Ciclo*).

De Outra Cor

De Outra Cor

Susana Teles Margarido

Ilustrado por
Marília Ascenso e Fedra Santos



Este livro é para todas as meninas e todos os meninos que querem ajudar a construir um mundo mais justo.





Falar de igualdade não é exigir que as pessoas sejam todas iguais.

As pessoas são diferentes. São diferentes porque têm cores diferentes, porque têm sexos diferentes, porque pensam de forma diferente, porque gostam de coisas diferentes. São diferentes, porque... não são iguais!

Falar de igualdade quer dizer que, apesar de sermos todas e todos diferentes, temos que respeitar essas diferenças, porque temos iguais deveres e direitos.

Devemos tratar as outras pessoas da mesma forma que queremos que elas nos tratem.

Devemos lutar para sermos pessoas felizes e fazermos felizes quem nos rodeia.

Só assim poderemos viver em paz e contribuir para que o mundo se vá tornando cada vez mais justo.

Vamos melhorar o mundo... respeitando as pessoas que são diferentes de nós!





Era uma vez um reino muito, muito distante, situado para além das nuvens e dos sonhos. Era doce e escuro: um reino de chocolate negro, maravilhoso.

Nesse reino, em vários tons de castanho, vivia uma bela princesa, com uns lindos olhos, também castanhos, e uma macia pele negra, chamada Amélia.

Amélia era uma menina feliz, criativa e sonhadora. Brincava com as outras crianças do reino às princesas e men-

digas, aos bandidos e samaritanos, às fadas e bruxas e a tudo o que a imaginação lhes permitia. Enfeitavam-se com flores, construíam casas e castelos nas árvores, nadavam nos lagos e nos rios e corriam atrás de borboletas coloridas que nunca apanhavam.

O rei, também negro como o chocolate, amava o seu povo e fazia de tudo para que fossem felizes. No entanto, tinha proibido que saíssem do reino, fosse por que motivo fosse. Se alguém não cumprisse aquela ordem, seria proibido de entrar de novo no reino, seria abandonado e entregue às forças malignas que, dizia-se, viviam fora das muralhas.

As pessoas aceitaram a ordem, que já tinha sido dada em reinados anteriores

e sempre cumprida, sem contestação, por todos quantos ali tinham vivido.

Amélia, por vezes, ficava parada, olhando os enormes portões maciços e opacos, questionando-se sobre o que haveria do lado de lá.



- Inimigos. O meu pai diz que são inimigos - proferia Amélia, não muito convencida.

- Parece que são pessoas de cores esquisitas... muito feias e más. Se nos apanham, torturam-nos, para se divertirem - acrescentou Sara, a melhor amiga de Amélia.

Mas a curiosidade crescia e Amélia, de dia e de noite, só pensava naquilo que poderia estar fora das muralhas.



Num outro reino, também muito distante, no mundo dos reinos dos contos maravilhosos, feito de um delicioso chocolate branco, vivia um príncipe chamado Afonso.

Afonso era um menino feliz. Muito branco, de cabelos loiros e olhos azuis, trazia sempre um sorriso feito de ternura e de alegria. Tal como todas as crianças do seu reino, passava os seus tempos livres a andar a cavalo, a pescar e a mergulhar nos lagos.

Naquele esplêndido reino, havia uma grande corte, governada por uma rainha muito branca, que se enfeitava com pepitas de chocolates de várias cores.

A rainha tinha, também, dado ordens para que ninguém transpusesse as mu-

ralhas do castelo. As ordens eram seculares e sempre foram respeitadas por todas as pessoas.

Quando Afonso se afastava do palácio, e ia brincar com os amigos e amigas para a floresta, tentava imaginar o que estaria do outro lado daquelas enormes paredes.



- Dizem que são pessoas esquisitas, com cores feias; são nossos inimigos - comentou Afonso, com grande dúvida e curiosidade.

- Pois são... e se nos apanham fazem-nos escravos e deixam-nos passar fome - explicou Diana.

- E ainda nos dependuram em paus para espantarmos os pardais dos campos de trigo - esclareceu Diogo.

- Que HORROR!!! - vociferaram em unísono.

E ficaram com um ar pasmado, olhando para os altos e robustos muros brancos.



Amélia, durante a noite, sonhou com planícies deslumbrantes, densas florestas, rios de chocolate multicolor: era o mundo do outro lado das muralhas.

- Não devia desobedecer, mas não resisto: vou ver o que existe para lá do nosso reino. Tens de me ajudar, Sara, mas não podes contar a ninguém. É um segredo só nosso.



- Mas... e se o inimigo te apanha e te prende para sempre? Vou ficar sem a minha melhor amiga...

- Prometo que não me deixo apanhar. Sabes que corro muito depressa, não sabes? Tens de me ajudar!

Sara aceitou. Estava com muito medo, mas não conseguiu desiludir a amiga.

Prepararam o pônei, com mantas, cordas, comida e água, e deram início à maior aventura das suas vidas.



- **D**iana, Diogo, dêem-me aqui uma ajuda. Preciso de conseguir trepar a muralha. Tenho de ir ver o que existe do lado de lá.

- Isso é uma loucura! É proibido, não faças isso!

- Era o que faltava. Nunca foi lá ninguém ver o que se passa... Talvez seja tudo mentira.

- Toma muito cuidado, Afonso. Podes ser transformado num espantalho.

Afonso imaginou-se a fazer de espantalho num campo de trigo ou num pomar e desatou a rir.

«Talvez até seja divertido» - pensou.



Amélia e Sara abriram um grande buraco no muro, que, apesar de alto e de aparência forte, como era de chocolate, não ofereceu muita resistência.

Diana e Diogo ajudaram o amigo a trepar para uma grande árvore encostada à muralha e Afonso, com cuidado, deixou-se deslizar para o lado de fora.

Finalmente, e embora não soubessem da existência um do outro, Amélia e Afonso estavam ambos em espaço proibido.

Amélia, montada no seu pônei, olhava fascinada para tudo o que a rodeava. Prados verdejantes, cobertos com maravilhosas flores silvestres, pássaros grandes e pequenos de infinitas cores, rios e lagos repletos de peixes, nenúfares e libelinhas fizeram-na ficar deslumbrada durante horas.

«Afinal, é tudo tão bonito como no meu reino! Não vejo inimigos...» – pensou.

E continuou a caminhar pelo mundo proibido.



Afonso, depois de andar horas e horas a pé, encantado com tudo o que o rodeava e admirado por não encontrar nenhum ser hostil, decidiu beber um pouco de água e descansar.

- Aquele poço tem um óptimo aspecto; deve ter água bem fresquinha - sussurrou.

Debruçou-se no muro que rodeava o poço, tentou agarrar a corda que balançava animada ao sabor do vento e ... zás... BUMMM. Caiu de cabeça no fundo!

- Ai, ai... que desgraça! E agora?...

Quando recuperou do susto, e as estrelinhas que voavam à sua volta se apagaram, tentou trepar as paredes de pedra, mas foi uma luta inglória. Molhado, infeliz e com pouco folgo, ia gri-



tando por socorro, de vez em quando, mas ninguém o ouvia.

«Vou morrer aqui gelado, ninguém virá procurar-me» e desanimou.



- **E**u fui ao jardim da Celeste, giroflé, giroflá... - cantarolava Amélia, radiante por ter invadido o mundo proibido.

- Socorro! Socorro! Acudam-me!... - gritou, de novo, Afonso, quando ouviu a cantoria.

- Socorro!? Será um inimigo? Se for, é um inimigo engraçado: em vez de me atacar, pede socorro.

- Socorro! Estou aqui em baixo e acho que vou morrer de fome e de frio...

Amélia lá percebeu de onde vinha a gritaria e aproximou-se do muro:

- Quem é tu? És o inimigo?

- Não. E tu? És minha inimiga? - perguntou Afonso, no meio de um forte bater de dentes.

- Não!... Bom... pelos vistos não somos o inimigo um do outro.

- Então, e se me ajudasses a sair daqui? Já está a ficar escuro e a ideia de dormir molhado, dentro de um poço, não me parece muito agradável.

- Vou ver o que posso fazer...

Amélia lembrou-se que, antes de sair do seu reino, tinha apetrechado o pônei com alguns objectos que lhe poderiam ser úteis.

Tirou a corda e fez um grande nó para que Afonso se pudesse prender, depois amarrou-a ao pônei e, com carinho, sussurrou-lhe na orelha:

- Vá lá, fofinho, faz força. Temos de tirar aquele rapaz irresponsável lá de dentro, senão ele constipa-se.



E assim foi... uns minutos de esforço e Afonso viu-se, finalmente, fora de água.

- Obrigado, muito obrigado!

- De nada. Se não fossem as mulheres, o que seria dos homens... hi, hi, hi...

- Pois é... neste caso eu não teria sido salvo...

Amélia deu uma grande gargalhada e aproveitou para se apresentar:

- Sou a Amélia, princesa do Reino de Chocolate Negro. Tu és muito engraçado... és branco! Nunca tinha visto ninguém da tua cor. Caíste na lixívia?

- Não, não. Nasci assim... Muito, muito prazer. Sou o Afonso, príncipe do Reino de Chocolate Branco. Tu também és muito engraçada... és negra! Tam-

bém nunca vi ninguém da tua cor... apanhaste sol a mais?

- Hi, hi, hi... - riu-se Amélia, divertidíssima - Não, também nasci assim.

- Que giro, as nossas cores são tão diferentes!...

- Pois é... mas parece que só as nossas cores são diferentes. No resto, penso que somos iguais. Quero dizer... parecidos; eu sou uma rapariga e tu és um rapaz.



- Fantástico! - afirmou Afonso - Nunca pensei ver alguém de outra cor... mas ainda bem que estou a ver!

- Claro!... é sinal de que estás vivo.

Amélia deu o cobertor a Afonso e sentaram-se a comer e a conversar.

Não dormiram. Durante toda a noite, falaram das suas vidas e do quanto temiam o inimigo, e que por isso estavam presos naqueles reinos há centenas de anos.

- Então, pelos vistos, o teu reino é inimigo do meu!

- Não percebo porquê, nunca se viram antes...

- Acredito que os nossos antepassados se tenham visto, mas, como não temos a mesma cor, partiram do princípio de que esta diferença os faria inimigos.



- Ignorância, pura ignorância. - disse Amélia. - Não conhecem as pessoas e dizem que elas são más.

- Preconceito, puro preconceito. - acrescentou Afonso. - Só porque temos cores diferentes, pensarem que somos inimigos. Os anos que perdemos por causa desses disparates...

- Vamos recuperar o tempo perdido, aí isso vamos! - afirmou Amélia, convicta.



Nos dois reinos havia um enorme alvoroço. A princesa e o príncipe tinham desaparecido há um dia, e uns pensavam que eles tinham sido raptados pelos outros.

Sara, Diana e Diogo foram inquiridos de forma pouco amigável pelos colaboradores do rei e da rainha, e acabaram por confessar que Amélia e Afonso tinham ido conhecer o mundo proibido.

Como a culpa era do *Outro*, só a guerra resolveria a situação.

Enquanto eram preparados os exércitos, chegou um mensageiro a cada um dos reinos:

“A nossa princesa está com um rapaz de cor esquisita.”

“O nosso príncipe está com uma rapariga de cor esquisita.”

- Com o inimigo? - perguntaram multidões.

Nisto, avistaram-se, ao longe, duas pessoas muito jovens, de mão dada, puxando um pônei por uma corda, conversando e rindo de felicidade.

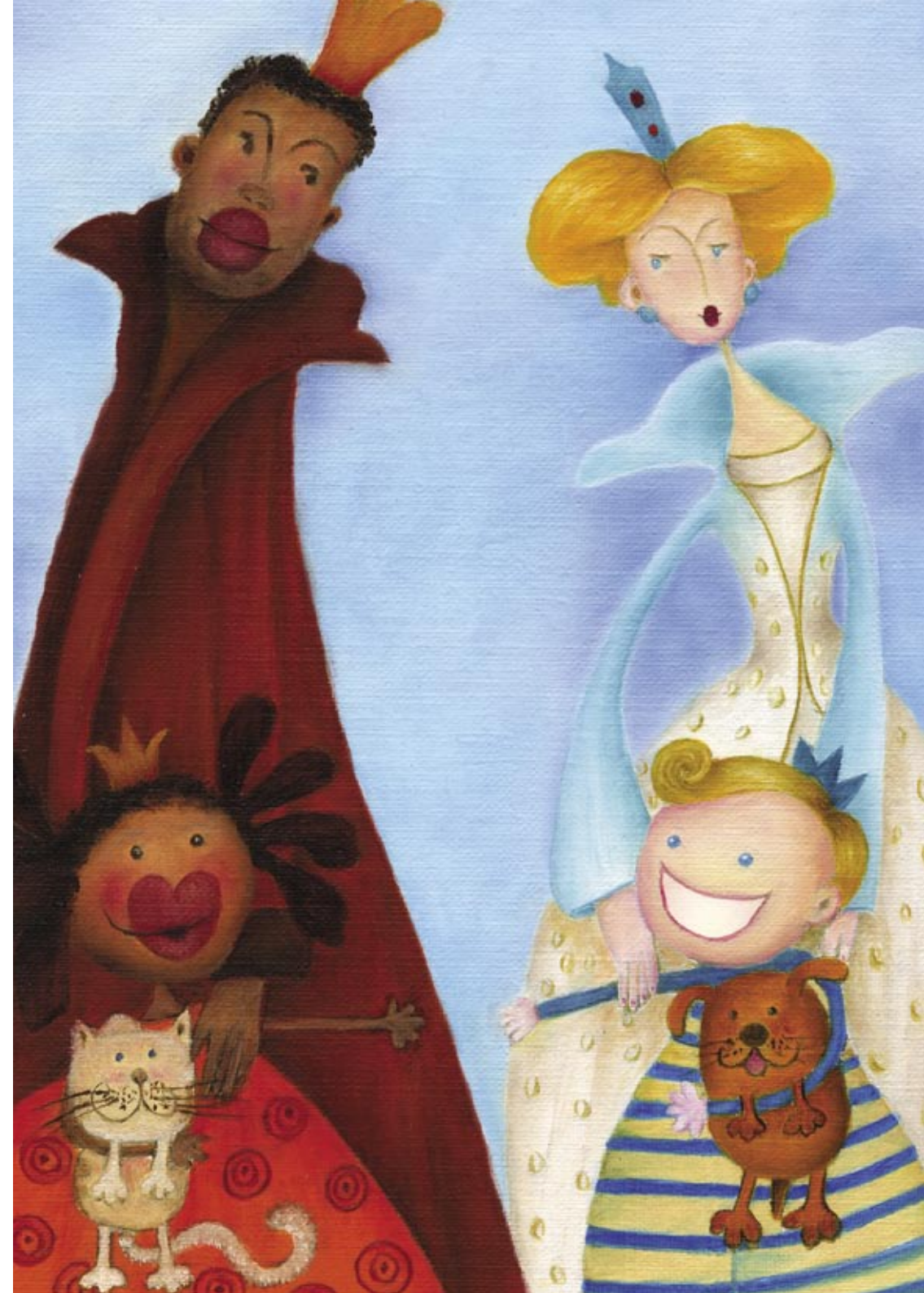
A idade devia ser a mesma, a alegria era, sem dúvida, a mesma; só as cores eram diferentes.

- Amélia, Amélia! - gritava o rei, correndo ao encontro da filha.

- Afonso, Afonso! - gritava a rainha, enquanto abria os braços para o filho.

- Ele fez-te mal? - perguntava o rei.

- Ela magoou-te? - perguntava a rainha.



- Não, mãe. Ela salvou-me! Caí num poço e quase morri - informou Afonso.

- Pai, ele é o máximo, é divertidíssimo! Ficámos muito amigos - comunicou Amélia.

A rainha e o rei olharam-se, com espanto. Nunca se tinham visto antes, nem os seus antepassados mais próximos se tinham visto.

Durante séculos, ambos os reinos pensaram que do outro lado existiam inimigos. Afinal, eram pessoas iguais, apenas de outra cor.

- Foram precisas duas crianças irreverentes para ultrapassarmos os portões dos nossos palácios e nos conhecermos. Vocês são como nós!...

- Claro que somos. Temos sangue, carne e ossos; rimos e choramos, só não temos a mesma cor.

A população começou a rir e a cumprimentar-se. Afinal, deviam ser amigos.

O reino de chocolate negro e o reino de chocolate branco estavam misturados e o inimigo tinha desaparecido como que por magia.



Passaram-se alguns anos, não muitos, e nos dois reinos, agora de portões abertos, começavam a surgir pessoas de diferentes tons. Todas com um aspecto simpático e delicioso.

- Estou tão feliz! - disse Amélia a Afonso. - E pensar que nos temíamos sem saber porquê...

- Pois é, Amélia, é o que te disse há uns tempos: a ignorância e o preconceito criam guerras, destruição. As pessoas temem aquilo que não conhecem, quando deveriam esforçar-se por conhecer.

- Somos jovens e estamos a tempo de mudar tudo para melhor. Teremos de mostrar às novas gerações que a cor é

apenas uma cor, que temos de promover a igualdade entre todas as pessoas.

E foi isso que fizeram!



Actividades



Escrevo, desenho e pinto



